



Sons e silêncios⁽¹⁾

M. HELENA VIEIRA

1. Escrever sobre a vida musical bracarense hoje representa um desafio interessante: claramente se compreende que o impulso da escrita surge mais da necessidade de nomear os "silêncios" e os seus responsáveis, do que do desejo de exercer a crítica sobre os (poucos) "sons"... Na verdade, não tenho particular afeição pela crítica, musical ou outra, que se costuma fazer nos jornais: entendo que utiliza, na maior parte das vezes, uma linguagem que se dirige apenas àquelas que já conhecem as obras, ou os meandros da expressão literária, plástica, da composição e da interpretação musicais.

Num país onde a educação artística não abandona o terreno legislativo para se implementar de forma coerente e efectiva nas escolas, (ao mesmo tempo que se vão definindo contornos disciplinares, mais ou menos "flexíveis" ou "alternativos", ao redor de saberes ou sensibilidades "indisciplináveis" e de carac-

ter transversal), a crítica musical ou plástica são actividades com pouco sentido, porque de restrito alcance. Quem se interessa pela leitura de exigentes críticas a uma realidade desconhecida e distante para a maioria?

Numa entrevista recente, concedida a Júlio Isidro num programa da RTP2, o maestro José Atalaya vaticinou um futuro feliz para a educação em Portugal... «no dia em que um ministro muito, muito inteligente (sic), finalmente compreenda que a aprendizagem musical desenvolve nas crianças numerosas capacidades, úteis também para as outras áreas do saber - capacidades como a memória, o poder de concentração e estudo isolado, o raciocínio abstracto, o sentido estético, etc.» (Citado de memória). Recorde-se aqui que esta ideia está a revestir-se de enorme importância no sistema educativo francês actual, o qual, a partir de agora, irá incluir a disciplina de música no currículo escolar de TODOS os cidadãos, desde os seis anos de idade... até ao último ano da formação universitária. Sugiro que nos deleitemos com a observação dos resultados no

futuro e que, por cá, vamos continuando a preservar o sonho e a perseverar na paciência...

Independentemente da actividade musical se justificar a si própria como actividade estética necessária ao desenvolvimento, seria interessante fazer um estudo a nível nacional sobre aquilo que todos os professores de música já sabem pela sua experiência de ensino de vários anos: que as crianças e os jovens que estudam música com alguma consistência e continuidade, mesmo os que não pretendem tornar-se "músicos", são frequentemente bons ou excelentes alunos nas outras disciplinas.

A vida cultural e artística de uma cidade entretreça-se entre as "conjunturas nacionais" e as "dinâmicas locais". Apesar de uma mesma Lei de Bases do Sistema Educativo para todo o país, o sucesso educativo e cultural de uma região passa pelos estímulos culturais e artísticos por ela oferecidos. A título de exemplo, saliente-se que a Madeira é a única região do país onde todas as crianças de todos os anos do 1º Ciclo do Ensino Básico têm um professor especializado de

música como coadjuvante do professor dito "generalista". Este é um exemplo que ultrapassa as outras (mais óbvias) evidências das cidades que oferecem uma actividade concertística e artística de forma regular, ou apenas sazonal.

Mas não só de outras regiões de Portugal vêm melhores exemplos ao nível da educação musical nas escolas ou da actividade concertística: a história também é um bom mestre. Aqui fica apenas uma breve passagem do livro "A Música em Braga" de Álvaro Carneiro (1959) - um livro cheio de surpresas para aqueles que pensam que Braga foi sempre esta cidade onde a atmosfera de festejo S. Joanino dá o tom ao ano inteiro, onde os bons ranchos folclóricos se misturam alegremente com os de qualidade duvidosa, onde a música "pimba" preenche os serões estivais do Campo da Vinha (e arredores...), onde as igrejas celebram a alegria do Ressuscitado com cânticos... "de caixão à cova", onde um concerto sinfónico, um ballet ou uma ópera é um acontecimento anual (na melhor das hipóteses) a anotar a maiúsculas e caneta fluo-

rescente na agenda: «Inaugurado o teatro de S. Geraldo (1860) — instalado onde está presentemente o Banco de Portugal —, manteve essa casa de espectáculos uma orquestra permanentemente-dirigida por mais de 20 anos por Manuel João de Paiva e depois por Luís maria de Araújo Esmeriz - e aí se assistiu a representações teatrais, a exhibições de companhias de ópera, opereta e zarzuela, e a concertos musicais realizados por famosos artistas nacionais e estrangeiros que deliciavam os bracarense com a sua arte e eram escutados e apreciados com enlevo e entusiasmo, até mesmo com conhecimento do assunto, pois nessa altura eram frequentes os amadores e os estudiosos da arte dos sons» (p. 334).

Justiça terá que ser feita àquelas instituições que, contra a corrente, vão combatendo a ausência gritante de espectáculos musicais em Braga.

Assim, sempre que for possível, aqui serão apresentadas algumas sugestões de concertos.

Sugestão para sábado

Sábado, 24 de Março, 21.15h — Salão Nobre do Instituto de Estudos da Criança (Antigo Magistério Primá-

rio — Edifício dos Congregados): Recital de Canto (Tatiana Sakha-rova, soprano) e Piano (Youri Popov).

Terceiro e último concerto de um ciclo dedicado à música russa, organizado sob a direcção artística de Elisa Lessa. Entrada Livre.

PROGRAMA:

I Parte - A. VARLAMOV (Autor desconhecido): "Que viver e sofrer..."; A. GURILIOV/M. LERMONTOV: "Estou enfadado e triste..."; A. GURILIOV/A. KOLTISOV: "Separação" e "Tristeza da Donzela"; A. VARLA-

MOV/M. LERMONTOV: "Picos das montanhas..."; "Branqueia a vela solitária..."

II Parte — A. DARGOMIJSKY, M. LERMONTOV: "Estou triste" e "Jovem e Donzela"; P. TCHAIKOVSKY, A. K. TOLSTOI: "Era o raiar da Primavera" e "Voava alma silenciosamente pelo céu mon-

tanhoso"; S. RAKHMA-NINOV/ A. PUSHKIN: "Não cantes, bela..."; S. RACHMANINOV/ F. TUCHTEV: "Águas Primaveraeris".

Intérpretes:
TATIANA SAKHAROVA (soprano) e YURI POPOV (pianista).